

# Construções queístas no discurso dos meios de comunicação social portugueses

Eva Arim  
ILTEC

Formatadas: Marcas e  
numeração

## 1. Introdução

O português europeu apresenta a possibilidade de não-realização da preposição em construções verbais que envolvem a estrutura [verbo + preposição + conjunção *que*] – fenómeno denominado queísmo<sup>1</sup>:

- (1) *Necessito que me faças um favor.*
- (2) *Não gosto que me dêem ordens.*

Estas construções, ainda que muito frequentes no discurso oral e escrito dos falantes, são consideradas desviantes por alguns puristas da língua (cf. Nogueira, 1995), que apenas aceitam a estrutura preposicionada: «Necessito de que me faças um favor»; «Não gosto de que me dêem ordens».

O principal argumento apontado para defender a presença da preposição antes da conjunção integrante *que* é a analogia com outras construções em que o verbo ocorre e a preposição é obrigatória, nomeadamente construções em que o verbo tem como complemento um sintagma nominal (1) ou uma oração infinitiva (2):

- (3) a. *Gosto disso.*  
b. \**Gosto isso.*
- (4) a. *Gosto de ir à praia.*  
b. \**Gosto ir à praia.*

Este argumento foi referido desde a primeira vez que se falou em «queísmo», num estudo realizado para o espanhol do Chile por Ambrósio Rabanales em 1974, e continua a ser apontado em obras que abordam o tema (cf. Nogueira, 1995; Peres e Mória, 1995).

Contudo, o argumento apresentado não é suficiente para justificar o uso da preposição em construções como as exemplificadas em (1) e (2), o que procurarei demonstrar neste trabalho. Na verdade, se este critério se aplica a verbos que regem a

---

<sup>1</sup> O queísmo afecta construções verbais («Preciso (de) que me faças um favor.»), mas também nominais («O aviso (de) que o espectáculo ia começar agradou-me.»), adjectivais («Convencido (de) que ela era inocente, defendeu-a.») ou com expressões verbais complexas («Tive pena (de) que isso acontecesse.»).

preposição *de*, não existe justificação para não o aplicar também a outros verbos, nomeadamente os que regem a preposição *em*. Assim, se de acordo com este argumento a construção correcta é «gosto de que me façam elogios», pelo mesmo motivo deveria estar de acordo com a norma padrão do português uma construção como «aposto em que Portugal chega à final», o que não corresponde à realidade.

Na literatura, o fenómeno do queísmo tem sido tipicamente associado a construções com a preposição *de*. Essas construções foram bastante estudadas na variedade brasileira do português e no espanhol (cf. Mollica, 1989; Gomes, 1996; Marques, 2006; Gómez Torrego, 1999; entre outros); no entanto, até agora e pelo que pude averiguar, nenhum estudo aprofundado existe para o português europeu.

Vários factores têm sido apontados como desencadeadores das construções não-preposicionadas no português do Brasil e no espanhol, entre eles o cruzamento sintáctico de construções aparentadas morfológica, semântica ou sintacticamente e a frequência de ocorrência do verbo.

Neste trabalho, analisarei construções verbais recolhidas de duas fontes:

- i) três dicionários de português europeu – *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (DLPC), *Dicionário Verbo da Língua Portuguesa* (DVLP) e *Dicionário Sintáctico de Verbos Portugueses* (DSVP);
- ii) um *corpus* de linguagem dos meios de comunicação social portugueses – *corpus* REDIP<sup>2</sup>.

A análise terá como objectivo verificar que factores são relevantes para o fenómeno do queísmo no português europeu, que preposições têm mais tendência a não ser realizadas e que verbos condicionam mais fortemente a presença/ausência da preposição.

Espera-se que os mesmos factores que parecem influenciar estas construções no português no Brasil e no espanhol sejam também relevantes para o português europeu e que a preposição ocorra com mais frequência no discurso escrito do que no oral.

Formatadas: Marcas e numeração

## 2. Dicionários de português europeu seleccionados

A partir de textos variados (trabalhos sobre queísmo, dicionários, livros, jornais e revistas de âmbito geral, etc.), identifiquei 137 verbos passíveis de ocorrer em construções queístas, ou seja, verbos que seleccionam orações finitas preposicionadas.

Procurei, então, em três dicionários de português europeu – *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (DLPC), *Dicionário Verbo da Língua Portuguesa* (DVLP) e *Dicionário Sintáctico de Verbos Portugueses* (DSVP) – todas as construções queístas/não-queístas em que esses verbos ocorressem. No total, foram recolhidos 256 exemplos dos três dicionários (DLPC – 52; DVLP – 48; DSVP – 156).

<sup>2</sup> No momento em que submeti o resumo deste trabalho à APL, tencionava apresentar apenas os resultados da análise do *corpus* REDIP, daí o título da comunicação e do respectivo artigo. Mais tarde, pareceu-me interessante incluir neste trabalho a comparação desses resultados com os obtidos a partir da análise de dados recolhidos de dicionários, estudo que havia realizado previamente.

Sendo os dicionários obras de normalização linguística que registam construções pertencentes à variedade padrão do português, este levantamento permite verificar que construções estão registadas e que variantes são admitidas nessas obras e fazer uma primeira análise da variação encontrada, procurando já algumas hipóteses explicativas.

A selecção dos dicionários acima mencionados teve como base um trabalho anteriormente realizado, no qual procurei analisar o modo como os dicionários de português europeu – dicionários de língua e dicionários de regência verbal – descrevem as estruturas verbais do português. Ainda que tenha concluído que nenhum dos dicionários analisados apresenta uma descrição suficientemente abrangente do comportamento sintáctico dos verbos agora em estudo, selecionei-os por apresentarem informações que de algum modo se complementam: o DLPC é rico em abonações, o DVLP apresenta informação categorial, construções-tipo e exemplos simples e claros que ilustram essas construções e o DSVP lista exaustivamente as várias construções em que um verbo pode ocorrer, combinando informação relativa aos elementos que com ele coocorrem (de natureza categorial, semântica e sintáctica) com exemplos de linguagem contemporânea ilustrativos das estruturas verbais em causa.

Na maioria dos casos, as informações foram obtidas de forma implícita através da observação dos exemplos.

Foi, assim, constituída uma base de dados, que, de forma simplificada, apresenta a seguinte estrutura:

Verbo	Preposição	DLPC	DVLP	DSVP
Aconselhar	a	a	a	a
Desconfiar	de	Ø	(de)	Ø
Esquecer-se	de	sem exemplos	sem exemplos	(de)
Informar	de	de	Ø	(de)

Nesta base de dados, os 137 verbos aparecem associados à preposição que regem e ao modo como as construções relevantes foram registadas em cada um dos três dicionários: com preposição, sem preposição (no quadro – Ø), com e sem preposição (em diferentes exemplos ou num mesmo exemplo, caso em que a preposição aparece entre parênteses). Para muitos verbos, não foram encontrados exemplos deste tipo de construções.

Formatadas: Marcas e numeração

### 3. O *Corpus* REDIP

O *Corpus* REDIP foi criado no âmbito do projecto REDIP – Rede de Difusão Internacional do Português –, desenvolvido pelo Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC), com a colaboração do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) e do CENTED da Universidade Aberta. Trata-se de um *corpus* de língua oral e escrita constituído a partir de amostras diversificadas de três meios de comunicação (rádio, televisão e imprensa) recolhidas em Portugal no ano de 1998. No total, este *corpus* contempla 324 000 palavras, distribuídas por seis temas: actualidade (notícias), ciência, cultura, economia, desporto e opinião.

No *corpus REDIP* foram identificadas 108 construções (envolvendo 33 verbos) em que o verbo rege, ou em teoria deveria reger, uma oração completiva preposicionada.

Formatadas: Marcas e numeração

#### 4. Questões de investigação

Com a análise das construções recolhidas dos dicionários seleccionados e do *corpus REDIP*, procurarei responder às seguintes questões:

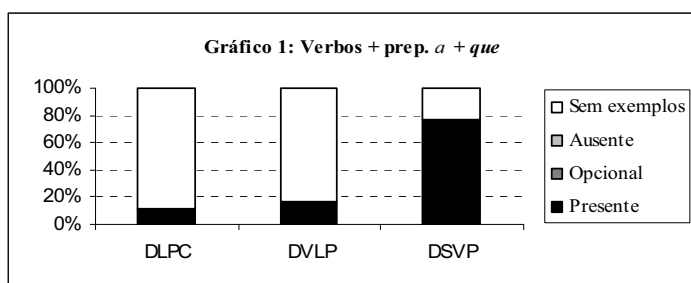
- i) Que construções verbais são mais frequentes: as queistas ou as não-queistas?
- ii) Quais as preposições que têm mais tendência a não ser realizadas?
- iii) Que verbos condicionam mais fortemente a presença/ausência da preposição?
- iv) Que factores poderão levar à não-realização da preposição?
- v) Será a realização da preposição mais frequente no discurso escrito do que no oral?

Formatadas: Marcas e numeração

#### 5. Análise das construções dos dicionários

Ao analisar as construções dos dicionários, e tal como esperado, identifiquei como factor fundamental para dar conta da variação encontrada o tipo de preposição.

A preposição *a* é uma preposição que não admite variação: nos três dicionários consultados, não existe um único exemplo em que não seja realizada:



Encontramos, assim, exemplos como (3a), mas não como (3b):

- (5) a. *Arrisca-se a que o prendam.*
- b. \**Arrisca-se que o prendam.*

As estruturas com a preposição *com* constituem um caso especial. Não existem na língua portuguesa, à excepção do verbo *fazer*, verbos que rejam a preposição *com* antes de oração finita. O que se verifica é que a preposição *com* seleccionada pelos verbos diante de complementos nominais é substituída pela preposição *em* ou não é realizada diante de complementos oracionais. É o que acontece, por exemplo, com o verbo *concordar*:

- (6) a. O aluno concordou com [a professora] Sintagma Nominal  
 b. O aluno concordou (em) [que tinha copiado] Oração Finita

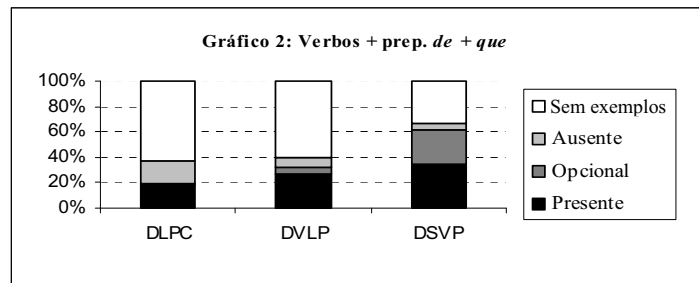
As construções com o verbo *fazer* são muito particulares, pois, se em todos os outros casos aqui abordados a preposição está presente diante de complementos nominais e não é realizada diante de complementos oracionais, aqui passa-se precisamente o inverso:

- (7) a. *O chefe fez isso.*  
 b. *??O chefe fez que ele fosse demitido.*  
 c. *O chefe fez com que ele fosse demitido.*

No entanto, ao contrário das estruturas queístas, as construções com a preposição *com*, consideradas desviantes por alguns autores no início do século XX (cf. Figueiredo, 1917), encontram-se hoje perfeitamente integradas na língua.

Dos dicionários analisados, o DLPC regista apenas um exemplo preposicionado («Fez com que não houvesse reunião.») e o DSVP regista dois exemplos, num dos quais é assinalada a opcionalidade da preposição («Fiz (com) que o cão pastor me obedecesse.»).

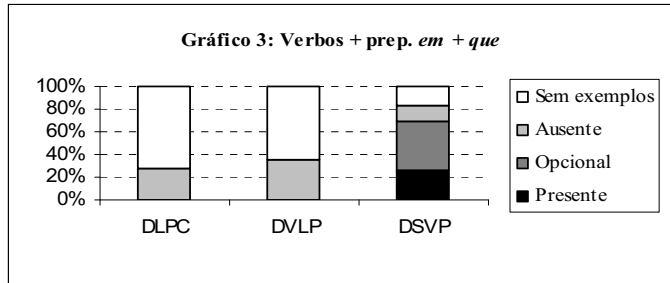
No que respeita à preposição *de*, a oscilação no uso da preposição é imensa:



No dicionário da Academia, por exemplo, estão registados tantos casos preposicionados como não-preposicionados e o DSVP atesta vários casos em que o uso da preposição é opcional:

- (8) *Esqueceu-se (de) que havia reunião.*

Quanto à preposição *em*, todos os verbos aparecem nos exemplos dos dicionários de língua (DLPC e DVLP) sem preposição:



Um verbo como *acreditar*, por exemplo, não aparece em nenhum dicionário acompanhado da preposição *em*:

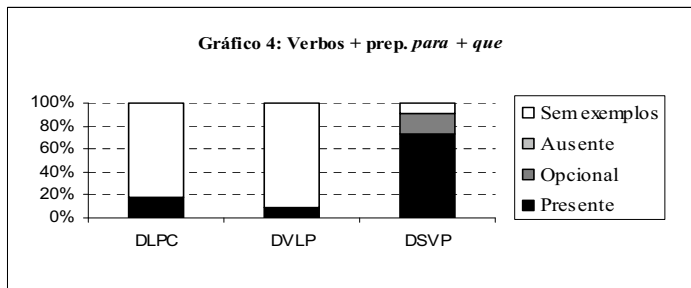
- (9) a. *Acredito que vamos ganhar.*  
 b. \**Acredito em que vamos ganhar.*

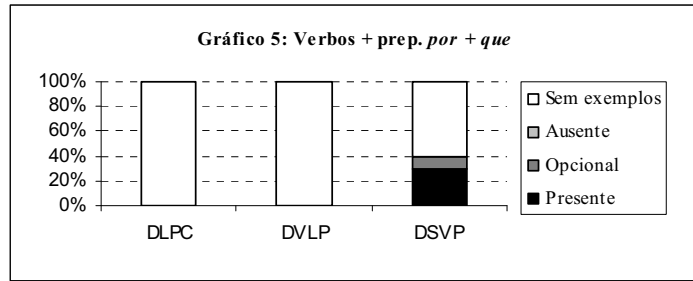
O elevado número de construções em que a preposição é registada como opcional no dicionário de regência revela que este dicionário tem em atenção o uso dos falantes, não ignorando, no entanto, a regra que dita o uso da preposição nestas construções, justificada pela analogia com outras construções, como se viu.

Apesar de a tendência geral destes verbos ser a da não-realização da preposição *em*, exceptuam-se, no entanto, alguns verbos, como *consistir* ou *empenhar-se*, que exigem a presença de preposição:

- (10) *O dramático desta situação consiste em que só conseguimos arranjar um exemplo para ilustrar esta estrutura.*  
 (11) *Empenhou-se em que eles fizessem o trabalho a tempo.*

As construções com as preposições *para* e *por* são registadas sobretudo pelo DSVP. Estas preposições tendem a ser realizadas, como se observa nos gráficos 4 e 5:





São, assim, frequentes frases como (12a) e (13a), enquanto construções como as de (12b) e (13b), no limiar da aceitabilidade, raramente são atestadas<sup>3</sup>:

- (12) a. *Alertei-os para que prestassem atenção aos intrusos.*  
 b. ??*Alertei-os que prestassem atenção aos intrusos.*

- (13) a. *Anseio por que ela venha passar comigo o Natal.*  
 b. ??*Anseio que ela venha passar comigo o Natal.*

Da análise do factor preposição, verificou-se, assim, que:

- a preposição *a* (35 verbos) é sempre realizada;
- a preposição *com* (verbo *fazer*) está presente nos exemplos do DLPC e aparece como opcional no DSVP;
- a preposição *de* (57 verbos) é registada de forma muito irregular nos dicionários.<sup>4</sup>
- a preposição *em* (23 verbos) tende a não ser realizada; os dicionários de língua não registam qualquer exemplo em que a preposição seja realizada;
- a preposição *para* (11 verbos) é realizada na maioria das construções (apenas em dois de dezoito exemplos a preposição é considerada opcional, no DSVP: «Alertei-os (para) que prestassem atenção aos intrusos»; «Faltavam poucos dias para regressarem a Lisboa, e os pais do João insistiam muito (para) que aproveitassem para ver outros locais do Minho»)
- a preposição *por* (10 verbos), cujas construções só aparecem registadas no DSVP, está presente com os verbos *bater-se*, *interessar-se* e *votar* e tem um carácter opcional quando regida pelo verbo *ansiar*.

<sup>3</sup> Considero mesmo agramaticais as construções (12b) e (13b), pelo que me parece controversa a sua atestação no DSVO.

<sup>4</sup> É devido a esta oscilação que a maioria dos estudos sobre queísmo/dequeísmo se ocupa apenas de construções com a preposição *de*.

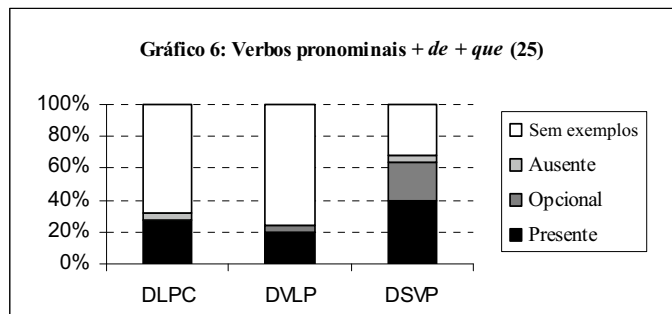
Tendo sido identificadas como problemáticas as construções com verbos que regem a preposição *de*, as questões que se levantam são:

- comportar-se-ão estes verbos de forma idêntica?
- as construções em que ocorrem serão do mesmo tipo?
- que factores favorecerão a presença/ausência de preposição?

Procurando responder à primeira questão, verifiquei que os 57 verbos não tinham um comportamento uniforme, pelo que os agrupei de acordo com o tipo de construção em que ocorrem por me parecer que este factor tem relevância para a ocorrência ou ausência da preposição *de*:

- construções com verbos pronominais – [V-se + (*de*) + *que*]  
(exs.: *aperceber-se de x*, *esquecer-se de x*, *queixar-se de x*)
- construções com verbos ditransitivos – [V + OD + (*de*) + *que*]  
(exs.: *avisar x de y*, *convencer x de y*, *informar x de y*)
- construções com verbos transitivos indirectos não-pronominais –  
[V + (*de*) + *que*]  
(exs.: *duvidar de x*, *gostar de x*, *precisar de x*)

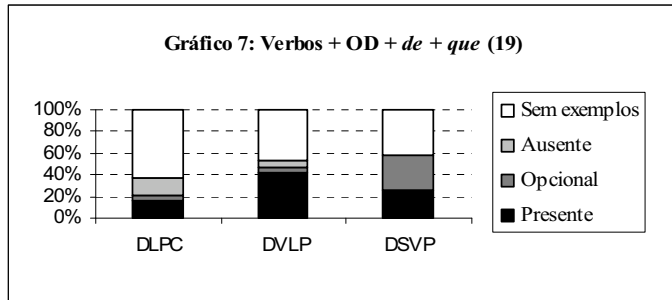
Com verbos pronominais, a preposição é preferencialmente realizada, como se pode ver no gráfico que se segue:



- (14) a. *Apercebi-me de que estava a ser seguido.*  
b.? *Apercebi-me que estava a ser seguido.*

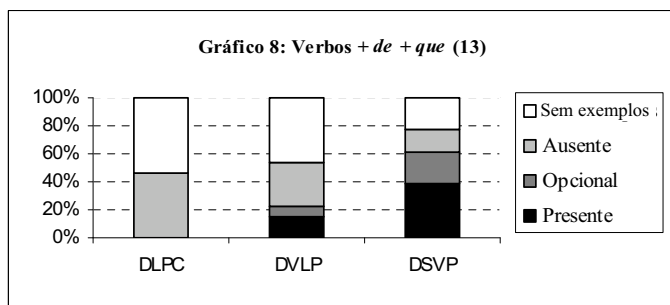
Com verbos ditransitivos, também existe uma maior tendência para a realização da preposição, mas a oscilação é maior:





(15) *Informou os presentes (de) que não se candidatava.*

Com verbos transitivos indirectos não-pronominais, a preposição tende a não ser realizada:



(16) a. *Desconfio que vai chover.*  
 b. *Desconfio de que vai chover.*

Note-se, por exemplo, que o DLPC apenas regista exemplos sem preposição.

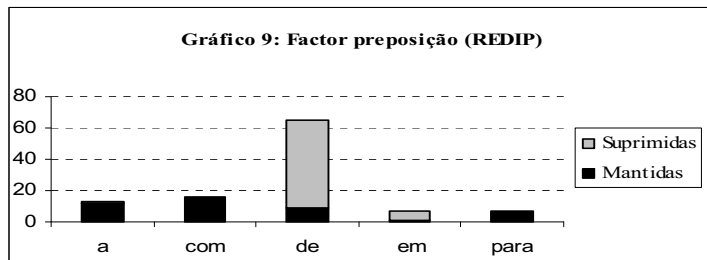
É também importante referir que as gramáticas e os prontuários normalmente só prescrevem o uso da preposição com verbos pronominais (como *esquecer-se*) e ditransitivos (como *informar*), não havendo uma referência explícita a construções com verbos como *gostar* ou *duvidar*.

## 6. Análise de construções do *corpus* REDIP

Tendo analisado os dados dos dicionários, as hipóteses com que parti para a análise do *corpus* REDIP foram as seguintes:

- i) as preposições *a*, *com*, *para* e *por* estarão sistematicamente presentes antes da conjunção *que* (exs.: *Arrisca-se a que o prendam. Está nas mãos das autarquias fazer com que o projecto seja um sucesso. Contribuiu para que o sonho de alguns se tornasse realidade. Interesse-me por que faças uma boa carreira.*);
- ii) a preposição *em* não será geralmente realizada (ex.: *Acredito Ø que vamos ganhar.*);
- iii) a preposição *de* tenderá a não ocorrer em construções com verbos transitivos indirectos não-pronominais (ex.: *Desconfio Ø que ele seja culpado.*).

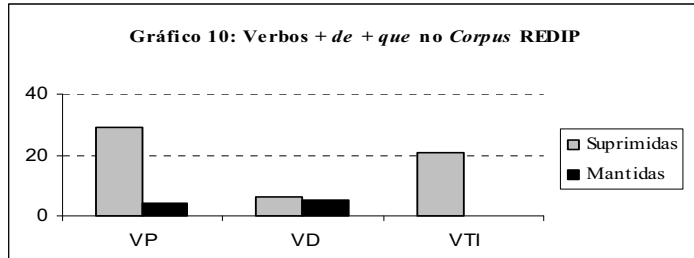
No que respeita ao factor preposição, a hipótese confirmou-se parcialmente:



As preposições *a*, *com* e *para* foram realizadas na quase totalidade dos casos (há apenas uma estrutura em que a preposição *a* não está presente). A preposição *em* não ocorre em seis de sete construções. Relativamente à preposição *de*, verificou-se que existe uma forte tendência para a sua não-realização (86% dos casos).

Os dados referentes às estruturas com a preposição *de* apontam, assim, para uma variação muito mais acentuada do que aquela que foi identificada nos dicionários.

Quanto ao tipo de construções em que estes verbos ocorrem, verificou-se que as construções com verbos pronominais (VP) são predominantemente queistas (88% dos casos); com verbos ditransitivos (VD), a variação observada não foi significativa; com verbos transitivos indirectos não-pronominais (VTI), não foi identificado um único caso com a preposição realizada:



**Verbos pronominais:** *aperceber-se, assegurar-se, certificar-se, convencer-se, esquecer-se, lembrar-se, queixar-se, recordar-se, relembrar-se*

**Verbos ditransitivos:** *ameaçar, avisar, convencer, informar, prevenir*

**Verbos transitivos indirectos não-pronominais:** *desconfiar, falar, gostar, precisar, suspeitar*

Note-se que alguns verbos muito frequentes dão conta da maioria das construções queístas: os verbos *esquecer-se* e *lembrar-se* representam 67% dos casos com verbos pronominais, e o verbo *gostar* dá conta de 81% das ocorrências com verbos transitivos indirectos não-pronominais.

Alguns autores (cf. Mollica, 1989) consideram que são os verbos mais frequentes aqueles que mais ocorrem em construções queístas e, na verdade, estes dados mostram que parece existir uma tendência que aponta nesse sentido. É necessário, no entanto, analisar um *corpus* maior para confirmar esta hipótese.

Outro factor que tem sido apontado como determinante para a ocorrência de queísmos, provavelmente o mais apontado, é o contacto sintáctico de construções. Contudo, tanto quanto sei, este factor não tem sido ponderado em função do tipo de verbo. Os verbos pronominais e os verbos ditransitivos podem ocorrer em mais do que uma construção sintáctica:

**LEMBRAR**

- Lembrar x de algo
- Lembrar (a alguém) algo
- Lembrar-se de algo
- Lembrar-se algo (dialectal)

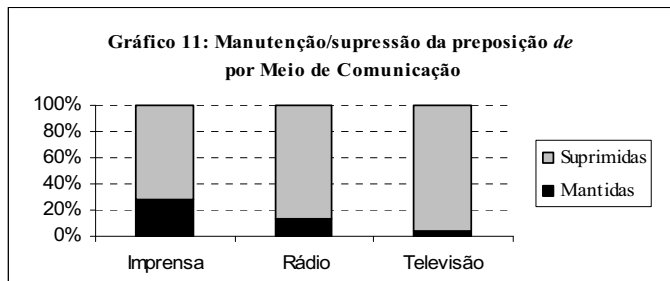
O cruzamento destas estruturas pode originar construções queístas ou outras não-padrão:

- (17) Lembrei-me que ele fazia anos.  
 (18) Lembrei ao Pedro de que tínhamos reunião.

Já os verbos transitivos indirectos não-pronominais não encontram estruturas sintacticamente análogas na língua.

Foi, assim, interessante verificar que, no *corpus* REDIP, estes últimos verbos, que não encontram na língua estruturas sintácticas com as quais se possam cruzar, apenas ocorreram em construções queístas. Nos verbos em que o cruzamento sintáctico é possível – pronominais e ditransitivos –, observou-se oscilação no uso da preposição, como mostra o gráfico 10.

No que respeita ao meio de comunicação em que as construções ocorreram, seria de esperar que os queísmos fossem mais frequentes no discurso oral (registo menos formal, menos organizado, menos planeado) do que no escrito. Ainda que os dados sejam muito reduzidos, verificou-se que as construções queístas foram menos frequentes na imprensa do que na rádio ou na televisão:



Formatadas: Marcas e numeração

## 7. Conclusões

Este trabalho teve como objectivo estudar o fenómeno do queísmo no português europeu a partir de dados recolhidos de dois tipos de fontes: três dicionários de português europeu e um *corpus* de linguagem dos meios de comunicação social portugueses – *corpus* REDIP.

De entre os factores que podem condicionar o uso de preposição neste tipo de construções, revelaram-se fundamentais o tipo de preposição e o tipo de verbo.

Como os dados mostraram, nem todas as preposições têm tendência a não ser realizadas em contextos queístas:

- as preposições *a*, *com* e *para* são preferencialmente realizadas;
- a preposição *em* tende a não estar presente;

– a preposição *de* regista um uso bastante irregular, sendo, no entanto, os casos queístas bastante mais frequentes do que os não-queístas.

Procurou-se também demonstrar que os verbos que ocorrem nestas construções não têm um comportamento idêntico: nos verbos ditransitivos (ex.: *informar*, *convencer*) e pronominais (ex.: *esquecer-se*, *queixar-se*) existe variação no uso da preposição, enquanto nas construções com verbos transitivos indirectos não-pronominais (ex.: *gostar*, *desconfiar*) a preposição nunca foi realizada (dados do *corpus* REDIP).

Estas conclusões vão ao encontro das hipóteses criadas a partir da análise das construções dos dicionários.

Verificou-se também que a possibilidade de haver cruzamento sintáctico entre construções similares pode levar à oscilação no uso de preposição. Nos verbos transitivos indirectos não-pronominais, que não encontram estruturas sintacticamente análogas na língua, não se observou oscilação: a preposição nunca foi realizada nos dados do *corpus* REDIP.

No *corpus* REDIP, as construções queístas foram mais frequentes em todos os meios de comunicação. Ainda que a diferença não seja significativa, o maior índice de queísmo foi encontrado no discurso oral.

Parece assim que o argumento segundo o qual a regência de um verbo deve ser generalizável a todas as estruturas em que ocorre é falível (se se diz «acredito nele», mas é agramatical dizer «acredito em que ele é inocente», porque deverá a preposição estar presente numa construção como «duvido que ele seja inocente»?)

Este argumento, aliado a outros como o facto de nenhuma construção preposicionada ter ocorrido no *corpus* REDIP com verbos transitivos indirectos não-pronominais, o carácter marcado destas construções, a falta de um esclarecimento inequívoco por parte dos instrumentos de normalização linguística relativamente ao uso da preposição nestas estruturas ou, ainda, o facto de serem as variantes não-preposicionadas as canónicas em outras línguas românicas – catalão, francês, italiano –, leva-me a colocar a hipótese de que construções como «gosto de que me elogiem» possam constituir preciosismos, devido a uma generalização abusiva, sendo nestes casos as variantes não-preposicionadas as canónicas.

Formatadas: Marcas e numeração

## 8. Referências

- Busse, Winfried (coord.) (1994) *Dicionário Sintáctico de Verbos Portugueses*. Coimbra: Almedina.
- Casteleiro, João Malaca (coord.) (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.
- Dicionário Verbo da Língua Portuguesa* (2006). Editora: Verbo.
- Figueiredo, Cândido (1917) *Lições Práticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Gomes, Christina Abreu (1996) *Aquisição e Perda de Preposições no Português do Brasil*. Dissertação de doutoramento. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- Gómez Torrego, Leonardo (1999) «La Variación en las Subordinadas Substantivas: Dequeísmo y Queísmo». In Ignacio Bosque Muñoz e Violeta Demonte (orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Volume 2. Madrid: Espasa-Calpe, pp. 2105-2148.
- Luft, Celso Pedro (1987) *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo: Editora Ática.
- Marques, Victória Celeste (2006) *Um Estudo de Regência Verbal na Primeira Metade do Século XX – a Tensão entre Prescrição Normativa e Uso Real*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista.
- Mateus, Maria Helena e Fernanda Bacelar do Nascimento (orgs.) (2005) *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Mollica, Maria Cecília (1989) *Queísmo e Dequeísmo no Português do Brasil*. Dissertação de doutoramento. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Nogueira, Rodrigo de Sá (1995) *Dicionário de Erros e Problemas de Linguagem*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Peres, João Andrade e Telmo Mória (1995) *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Rabanales, Ambrósio (1974) Queísmo y Dequeísmo en el Español de Chile. In *Estudios Filológicos y Lingüísticos*. Caracas: Instituto Pedagógico.